

AUTOESTIMA EM MULHERES EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL: UM ESTUDO EM UMA INSTITUIÇÃO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL

Luiza Custódio Eyng¹
Stephane Catharine Zavadil²
Nerilza Volpato Beltrame³
Lais Steiner Massari⁴

RESUMO: A autoestima é um aspecto central no desenvolvimento pessoal e social, influenciando diretamente a forma como os indivíduos se percebem e se relacionam com o mundo. No caso das mulheres em situação de vulnerabilidade social, esse processo é atravessado por desafios relacionados às condições socioeconômicas, à sobrecarga cotidiana, à falta de oportunidades, ao isolamento e à fragilidade de redes de apoio, fatores que podem comprometer a percepção de valor pessoal e impactar significativamente a construção da autoestima. Diante disso, o presente estudo teve como objetivo analisar como o contexto de vulnerabilidade social influencia a autoestima de mulheres atendidas por uma instituição de assistência social. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, realizada com cinco mulheres maiores de 18 anos atendidas por uma Instituição de Serviço Social de um município do Sul de Santa Catarina. A coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas semiestruturadas, posteriormente analisadas a partir da análise de conteúdo de Bardin (2011). Os resultados evidenciaram que fatores como maternidade solo, ausência de suporte familiar, dificuldades financeiras, pressão estética e falta de tempo para autocuidado influenciam negativamente a autoestima das participantes. Entretanto, também foram identificados elementos de fortalecimento pessoal, como a percepção de si enquanto mulheres “guerreiras” e “trabalhadeiras”, demonstrando estratégias de resistência e valorização pessoal diante das adversidades. Conclui-se que a vulnerabilidade social impacta diretamente a construção da autoestima feminina, reforçando a importância das políticas públicas de assistência social e da atuação de profissionais qualificados no SUAS para o acolhimento, fortalecimento da autonomia e promoção do bem-estar psicológico dessas mulheres.

1

Palavras-chave: Mulheres. Vulnerabilidade social. Autoestima. Instituição de Assistência Social.

ABSTRACT: Self-esteem is a central aspect of personal and social development, directly influencing how individuals perceive themselves and relate to the world. In the case of women in situations of social vulnerability, this process is crossed by challenges related to socioeconomic conditions, daily overload, lack of opportunities, isolation, and fragile support, factors that may compromise the perception of personal value and significantly impact the construction of self-esteem. Therefore, this study aimed to analyze how the context of social vulnerability influences the self-esteem of women assisted by a social assistance institution. This is a qualitative research conducted with five women over 18 years old assisted by a Social Assistance Reference of a social assistance institution in a city in the south of Santa Catarina. Data collection was carried out through semi-structured interviews, later analyzed using Bardin's (2011) content analysis method. The results showed that factors such as single motherhood, lack of family support, financial difficulties, aesthetic pressure, and lack of time for self-care negatively influence the participants' self-esteem. However, elements of personal strengthening were also identified, such as the perception of themselves as “strong” and “hardworking” women, demonstrating strategies of resistance and self-valorization in the face of adversity. It is concluded that social vulnerability directly impacts the construction of female self-esteem, reinforcing the importance of public social assistance policies and the role of qualified professionals within SUAS in promoting support, strengthening autonomy, and improving the psychological well-being of these women.

Keywords: Women. Social Vulnerability. Self-Esteem. Social Assistance Institution.

¹ Acadêmica de Psicologia. UNESC.

² Mestre em Saúde Coletiva. UNESC.

³ Especialista em Princípios. Psicopedagogos. PUC Paraná.

⁴ Especialista em Terapia Cognitivo comportamental e em Terapia dos esquemas UNESC.

I.1 INTRODUÇÃO

A autoestima é um aspecto central na constituição da identidade e no bem-estar psicológico das mulheres. De acordo com Bevilacqua e Daronco (2010), a autoestima positiva está relacionada à percepção satisfatória da imagem corporal e à sensação de valor pessoal, sendo influenciada por fatores sociais, econômicos e culturais. Mulheres com maior inserção social e acesso a oportunidades tendem a apresentar índices mais elevados de autoestima e satisfação com o próprio corpo, o que se reflete em melhores níveis de saúde física e mental. Entretanto, quando há insatisfação com a autoimagem ou sentimento de desvalorização pessoal, podem emergir fragilidades emocionais, insegurança e dificuldades de interação social. “A autoestima pode influenciar diretamente na autoimagem do indivíduo, já que a maior preocupação de algumas pessoas na sociedade atual é o culto ao corpo perfeito” (PINHEIRO et al., 2020, p. 7).

A pressão social pela busca de um corpo ideal, especialmente pautado na magreza, exerce forte influência sobre a percepção da imagem corporal feminina em diferentes contextos. Estudos indicam que mulheres fisicamente inativas tendem a apresentar maior insatisfação corporal, frequentemente associada ao excesso de peso (TRIBESS et al., 2009), enquanto o padrão de beleza imposto socialmente afeta mulheres independentemente de sua condição econômica (COELHO; FAGUNDES, 2007).

Por outro lado, a vulnerabilidade social é compreendida como a condição resultante de fatores econômicos, relacionais e institucionais, que limitam o exercício da cidadania e o acesso aos direitos básicos. Carmo e Guizardi (2018) apontam que a vulnerabilidade não se restringe à falta de renda, mas envolve também a fragilidade de vínculos afetivos e o difícil acesso a bens e serviços públicos, como saúde e assistência social. Nesse contexto, as Instituições de Referência da Assistência Social desempenham papel essencial, atuando na proteção social básica e no fortalecimento de vínculos comunitários e familiares. A atuação de profissionais qualificados dentro das instituições de assistência social também é um fator fundamental, que visa dar suporte a compreensão dos processos subjetivos dessas mulheres, contribuindo para a ressignificação de suas experiências e para o fortalecimento da autoestima.

Contudo, no contexto de mulheres em situação de vulnerabilidade social, esse processo é atravessado por desafios específicos relacionados às condições socioeconômicas, à escassez de oportunidades, ao isolamento e à insegurança presentes em seus cotidianos. A sobrecarga psicológica e física maternal também recai sobre as mulheres, que são as principais responsáveis pelo cuidado e manutenção familiar, dessa forma tende a acentuar desigualdades e afetar sua percepção de valor e capacidade. Tais fatores podem comprometer a percepção de valor pessoal

e dificultar o reconhecimento de si, impactando significativamente a construção da autoestima. Entretanto, embora a literatura ainda seja limitada quanto à relação entre classe socioeconômica e variáveis subjetivas, evidências apontam que melhores condições econômicas podem favorecer uma relação mais positiva com o próprio corpo, influenciada também pelo maior acesso à informação sobre padrões estéticos (SILVA; LANGE, 2010; COELHO; FAGUNDES, 2007).

1.2 MÉTODO

A presente pesquisa adota um delineamento qualitativo, caracterizado pela exploração profunda dos fenômenos subjetivos e complexos, com objetivo de compreender o mundo dos significados, o que é mais profundo nas relações, no intangível, como crenças, valores e aspirações (Neves, 1996; Minayo, 2013).

A pesquisa foi realizada com cinco mulheres maiores de 18 anos que são atendidas por um Centro de Referência da Assistência Social. A população foi formada pela Pessoa responsável pelo Setor de serviço Social de um município do Sul de Santa Catarina, entrando em contato com as mulheres por telefone.

Após o aceite para participar da pesquisa e mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), foi realizada entrevista semi-estruturada conforme Minayo (2010). As entrevistas foram guiadas por um roteiro pré-elaborado, contemplando questões relacionadas à autoestima e situação de vulnerabilidade social, à compreensão de imagem pessoal e possíveis relações com condição de vida ou contexto social. A abordagem semi-estruturada permitiu que novas questões surgissem espontaneamente durante a entrevista, o que possibilitou uma exploração aprofundada das experiências dos participantes.

As entrevistas foram gravadas por meio do aparelho celular e, posteriormente, transcritas sendo respeitado o sigilo das informações, as quais serão armazenadas em local seguro durante 5 anos.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos. Além disso, seguiu rigorosamente os princípios estabelecidos pela Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD), garantindo a privacidade e segurança das informações dos participantes e atendeu ao Ofício Circular n 23 2022 que trata da Normatização do uso de consentimento e assentimento eletrônico para participantes da pesquisa.

A análise de dados foi feita através da análise de conteúdo de Bardin (1977), a qual busca interpretar e compreender a comunicação nas mais variadas formas, sistematizando e

organizando os dados qualitativos, buscando identificar padrões, temas e significados que estão implícitos nas informações coletadas durante a entrevista.

O presente trabalho declara o uso da ferramenta GPT-5.5, da OpenAI, com a finalidade de auxiliar na elaboração de rascunhos iniciais, na revisão gramatical, na coesão textual e na comparação de versões de parágrafos durante a construção do projeto. Também foi utilizada a ferramenta de inteligência artificial Gladia AI, baseada na API v2 de transcrição automática de áudio, para apoio na transcrição e organização dos conteúdos.

Dessa forma, as entrevistas foram transcritas e formadas três categorias de análise para discussão: Fatores sociais e psicológicos que influenciam na relação com a autoestima das mulheres, percepção de si mesma e valor pessoal e correlação do contexto social de vulnerabilidade com a construção da autoestima das mulheres.

1.3 DISCUSSÃO E RESULTADOS

Tabela 1 Caracterização da amostra

Participante	Idade	Escolaridade	Profissão
P ₁	47	EF completo	Copeira
P ₂	51	EF incompleto	Aux de cozinha
P ₃	27	EM incompleto	Desempregada
P ₄	71	EF incompleto	Aposentada
P ₅	51	Pós Graduada	Psicóloga/Agente de trânsito

Elaborado pelo autor (2026)

Conforme apresentado na Tabela 1, todas as participantes da pesquisa são mulheres com idade entre 27 e 71 anos, sendo a maioria com Ensino Médio incompleto (4) e uma participante com Pós Graduação.

A seguir serão apresentadas as três categorias criadas a partir da análise do conteúdo das entrevistas.

1.4 Fatores sociais e psicológicos que influenciam na relação com a autoestima das mulheres

Os fatores sociais e psicológicos influenciam diretamente a autoestima das mulheres, pois a forma como cada sujeito se percebe está relacionada às experiências vividas em seu contexto social. Conforme Almeida (2012), a subjetividade é construída nas relações sociais e culturais que impactam a autoimagem feminina e a construção da autoestima.

Acerca desses fatores, três das cinco mulheres entrevistadas citaram a sobrecarga da maternidade e a ausência de rede de apoio como influência na autoestima e no bem-estar emocional. Elas relatam:

“como sou mãe solo, eu tenho muita dificuldade em conciliar trabalho com as minhas filhas, com casa, com tudo” (P₃) e

“conciliar casa, trabalho e a presença com os meus filhos” (P₅).

Esses relatos demonstram como as exigências sociais atribuídas às mulheres, especialmente no exercício da maternidade, podem favorecer para sentimentos de exaustão, sobrecarga e diminuição da autoestima. Nesse contexto, o conceito de vulnerabilidade social ultrapassa aspectos econômicos, envolvendo também fragilidades emocionais, ausência de suporte como redes de apoio e restrições no acesso aos direitos e à qualidade de vida, (CARMO; GUIZARDI, 2018)

Além disso, falas também mencionam a prioridade acerca do casamento e filhos “eu não me cuidava, eu cuidava muito era mais pra eles, os filhos” (P₁). Pensando que existem construções sociais atribuídas ao papel feminino, a influência de práticas e culturas molda como as mulheres ocupam posições de cuidado e, muitas vezes, deixam suas próprias necessidades em segundo plano, afetando sua autoestima e reconhecimento pessoal (GUARESCHI et al., 2004).

1.5 Percepção de si mesma e valor pessoal

A percepção de si mesma e o valor pessoal estão diretamente relacionados à forma como a mulher constrói sua identidade e reconhece suas próprias capacidades e qualidades. A percepção que o indivíduo possui sobre si mesmo é influenciada por fatores emocionais, sociais e culturais, podendo interferir na forma como a mulher reconhece seu próprio valor e se relaciona consigo mesma (SILVA; LANGE, 2010).

Nesse quesito, quatro das cinco entrevistadas utilizaram características relacionadas à força e à capacidade de enfrentamento para se descreverem, afirmando:

“eu sou guerreira” (P₁) “guerreira” e

“uma boa mãe e uma boa avó” (P₂),

“trabalhadeira” (P₃) e

“eu sou trabalhadeira, eu sempre fui” (P₄).

Diante disso, as falas demonstram que, mesmo em contextos de vulnerabilidade social, essas mulheres constroem e se reconhecem enquanto “guerreira” e “trabalhadeira” a partir dos papéis sociais que desempenham e das estratégias desenvolvidas para enfrentar as adversidades, evidenciando mecanismos de valorização pessoal vinculados a essa capacidade de superação,

(ALMEIDA, 2012). Van Stralen, C. J. (2005) fala sobre como a Psicologia Social entende esses indivíduos a partir de sua relação com o seu contexto social, permitindo que essas características como força, resistência e trabalho sejam associadas à identidade dessas mulheres diante de suas vivências.

Duas das cinco mulheres demonstraram menor preocupação com a opinião das outras pessoas. Houveram afirmações como:

“o povo que se lasque (...) não vou mudar meu jeito por conta de ninguém” (P₃)

“não me importo (...) interessa o que eu sou, não como os outros me veem” (P₄).

A partir disso, a percepção de si transita pela forma como o indivíduo internaliza ou resiste às cobranças sociais e aos padrões impostos. Nesse sentido, as falas demonstram um posicionamento de maior autonomia em relação ao julgamento externo e à validação social (SILVA E LANGE; 2010).

A aparência física e o autocuidado foram dois fatores presentes em três das cinco entrevistas, com colocações como:

“era mais gordinha (...) se sentia “meio retraída” (P₁),

“eu me sinto meio gordinha (...) não gosto da minha barriga” (P₂)

“às vezes não ter tempo pra me arrumar como gostaria” (P₃).

Estudos de Bevilacqua (2010), Bohm (2004), Almeida et al. (2005) e Coelho e Fagundes (2007) apontam que a sociedade tende a estabelecer modelos idealizados associados à feminilidade, magreza, juventude e cuidado estético, trazendo insegurança e percepções negativas sobre as mulheres que não fazem parte desses padrões. Essa comparação constante e pressão social relacionada ao corpo feminino faz com que não haja apenas uma insatisfação corporal exclusiva, mas alimenta o retraimento de toda a comunidade feminina. Além disso, a fala de P₃ sobre a falta de tempo para se arrumar exemplifica como demandas cotidianas e a sobrecarga de responsabilidades podem dificultar momentos de autocuidado.

1.6 Correlação do contexto social de vulnerabilidade com a construção da autoestima das mulheres

O contexto de vulnerabilidade social pode influenciar essa construção da autoestima de mulheres, considerando que situações de desigualdade, exclusão social e privação de direitos impactam a forma como o sujeito se percebe e se reconhece. Conforme discutem Carmo e Guizardi (2018), a vulnerabilidade social envolve fatores sociais, econômicos e afetivos que atravessam a vida dessas mulheres, podendo interferir em sua autonomia, identidade e bem-estar.

Referente à esse tema, houve uma associação sobre a melhora da autoestima relacionada com à possibilidade de melhores condições financeiras. Falas como:

“se tivesse um dinheirinho a mais” (P₁),

“é um sonho” fazer uma cirurgia plástica “quando tiver condição” (P₂),

“se tivesse um pouquinho mais, a autoestima ia ser melhor” (P₃)

“para melhorar minha autoestima, considero que seriam importantes tanto a questão financeira” (P₅)

Esses trechos são exemplos de como fatores econômicos aparecem relacionados à percepção de bem-estar e autocuidado. Além disso, estudos de Pinheiro et al. (2020) e Bohm (2004) falam sobre como o acesso a procedimentos estéticos e cuidados pessoais se relacionam à forma com que muitas mulheres percebem sua autoestima e sua imagem corporal, especialmente nesses contextos onde existem limitações financeiras restringindo a ideia e possibilidade de autocuidado.

As participantes P₁, P₃ e P₅ relataram que suas condições de vida influenciaram negativamente sua autoestima. Assim, entendemos a vulnerabilidade como um fenômeno biopsicossocial, no qual as condições de vida, relações sociais e aspectos emocionais subjetivos estão interligados e atravessam essa construção da percepção de si (OVIEDO; CZERESNIA, 2015). Duas das participantes também relacionaram a autoestima à necessidade de mais suporte e oportunidades, elas afirmam:

“falta de algumas oportunidades” (P₃),

“não tem tempo” (P₃) e

“ter suporte e apoio na condução do dia a dia e na dinâmica familiar” (P₅).

Observamos nessas falas que os tópicos são um fator relevante dos impactos da vulnerabilidade social, que restringe o acesso a direitos, oportunidades e condições adequadas. (FIGUEIREDO; NORONHA, 2008).

Ademais, a atuação do psicólogo no SUAS correlacionado com a Psicologia Social Comunitária, tem sua importância em destaque no suporte social das políticas públicas oferecidas pelo sistema, uma vez que profissionais capacitados são indispensáveis para o fortalecimento da autoestima dessas mulheres em situação de vulnerabilidade social, considerando que frequentemente enfrentam processos de exclusão, violência, desigualdade social e fragilização de vínculos familiares e comunitários no contexto socioassistencial (SILVA; CORGOZINHO, 2011).

Assim, as políticas públicas de assistência social exercem papel essencial na garantia de direitos e na promoção da dignidade humana, possibilitando espaços de acolhimento, escuta e

fortalecimento da autonomia, visando ampliar suas perspectivas de vida e favorecendo o enfrentamento das condições que impactam negativamente a autoestima e o bem-estar psicológico dessas usuárias (SILVA; CORGOZINHO, 2011).

CONCLUSÃO

A partir da análise das entrevistas realizadas com as participantes desta pesquisa, foi possível compreender que a autoestima das mulheres em situação de vulnerabilidade social é atravessada por múltiplos fatores sociais, econômicos, culturais e emocionais. As falas das voluntárias evidenciaram que a sobrecarga da maternidade, a ausência de rede de apoio, as dificuldades financeiras, a pressão estética e a falta de tempo para o autocuidado impactam a forma como essas mulheres se percebem e reconhecem seu próprio valor.

Nesse sentido, os resultados encontrados reforçam as discussões teóricas apresentadas ao longo do estudo, especialmente no que diz respeito à compreensão da vulnerabilidade social enquanto fenômeno biopsicossocial, conforme discutem Carmo e Guizardi (2018) e Oviedo e Czeresnia (2015). A vulnerabilidade não se limita apenas à ausência de recursos financeiros, mas envolve também fragilidades afetivas, restrição de oportunidades, exclusão social e dificuldades no acesso a direitos básicos, elementos que atravessam essa construção da identidade e da autoestima feminina.

Para além disso, conforme Almeida (2012), a subjetividade é construída nas suas relações sociais e culturais, o que se reafirma nas falas das participantes ao associarem seu valor pessoal aos papéis sociais que desempenham, principalmente enquanto mães, cuidadoras e mulheres “guerreiras” e “trabalhadeiras”. Mesmo diante de todas as adversidades enfrentadas no dia a dia, as entrevistadas demonstraram estratégias de resistência e fortalecimento pessoal, revelando que a autoestima também é construída por meio da capacidade de enfrentamento desenvolvida ao longo de suas trajetórias de vida.

Os relatos relacionados à aparência física, à insatisfação corporal e ao desejo de melhores condições financeiras para investir em autocuidado também evidenciaram a influência dos padrões estéticos impostos socialmente, conforme apontam Bevilacqua e Daronco (2010), Coelho e Fagundes (2007) e Pinheiro et al. (2020). Assim, percebe-se que a autoestima feminina está relacionada também às exigências sociais atribuídas ao corpo da mulher, especialmente nesses contextos onde existem limitações financeiras e sobrecarga cotidiana.

A relevância das políticas públicas de assistência social e da atuação dos profissionais do SUAS no acolhimento e fortalecimento dessas mulheres, são mais um tópico em destaque nesta pesquisa. Conforme Silva e Corgozinho (2011), a atuação da Psicologia Social Comunitária

dentro das Instituições de Assistência Social possibilita espaços de escuta, fortalecimento de vínculos e promoção da autonomia, favorecendo processos de ressignificação das vivências e fortalecimento da autoestima. Dessa forma, compreende-se que o suporte oferecido pelas instituições socioassistenciais ultrapassa a garantia de direitos básicos, contribuindo também para o cuidado psicológico e emocional das usuárias.

Como limitação deste estudo, destaca-se o número reduzido de participantes, uma vez que a pesquisa foi realizada com apenas cinco mulheres atendidas por uma instituição de assistência social de um município do Sul de Santa Catarina, o que restringe a ampliação e diversidade das experiências analisadas. Além disso, a investigação concentrou-se em um único território e em uma única instituição socioassistencial, fator que pode limitar a compreensão das diferentes realidades vivenciadas por mulheres em outros contextos de vulnerabilidade social. O aprofundamento de algumas questões subjetivas relacionadas à autoestima, como experiências de violência, relações familiares, trajetórias de vida e impactos do território na construção da identidade dessas mulheres também poderia ter sido melhor explorado caso houvesse tempo e disponibilidade.

Portanto, em conclusão a autoestima de mulheres em situação de vulnerabilidade social é construída a partir da relação entre suas vivências subjetivas e o contexto social em que estão inseridas. A pesquisa evidencia a necessidade de ampliar discussões e intervenções voltadas ao fortalecimento emocional dessas mulheres, reconhecendo suas histórias, potencialidades e singularidades. Além disso, é evidente a importância da continuidade e fortalecimento das políticas públicas de assistência social, bem como da atuação ética e qualificada dos profissionais da Psicologia no SUAS, visando promover dignidade, autonomia, reconhecimento de si e melhores condições de vida para essas mulheres.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. P. de. Para uma caracterização da Psicologia social brasileira. *Psicologia: Ciência e Profissão*, [S. l.], v. 32, p. 124-137, 2012. (SciELO). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/XKf5CLJCJ4dtSPHSFBHzNcT/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 set. 2025.

ALMEIDA, et al. Percepção de tamanho e forma corporal de mulheres: estudo exploratório. *Psicologia em Estudo*, v. 10, n. 1, p. 27-35, Maringá, jan./abr. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v10n1/v10n1a04.pdf>.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

BEVILACQUA, L. Fatores associados à insatisfação com a imagem corporal e autoestima em mulheres ativas. 2010. Artigo (Especialização em Atividade Física, Desempenho Motor e

Saúde) – Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educação Física e Desporto, Santa Maria, RS, 2010. Disponível em: <http://repositorio.ufsm.br/handle/1/1291>. Acesso em: 10 set. 2025.

BEVILACQUA, Lidiane Amanda; DARONCO, Luciane Sanchotene Etchepare. Fatores associados à insatisfação com a imagem corporal e autoestima em mulheres ativas. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educação Física e Desportos, 2010.

BOHM, C. C. Um peso, uma medida: o padrão da beleza feminina apresentado por três revistas brasileiras. 2004. 102 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Jornalismo) – Universidade Bandeirante de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ea000030>. Acesso em: 8 out. 2025.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. Em Tese, v. 2, n. 1, p. 68–80, 2005.

BOSCHETTI, I. Seguridade social e trabalho: paradoxos na construção das políticas de previdência e assistência social no Brasil. Brasília: Letras Livres; Editora UnB, 2006.

CARMO, M. E. do; GUIZARDI, F. L. O conceito de vulnerabilidade e seus sentidos para as políticas públicas de saúde e assistência social. Cadernos de Saúde Pública, v. 34, n. 3, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00101417>. Acesso em: 8 out. 2025.

CARVALHO, A.; JÚNIOR, R. A complexidade da narrativa sobre a história da psicologia social. In: CONSELHO NACIONAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL. SUAS, Sistema Único da Assistência Social: modo de usar. Brasília: CNAS, 2017.

CENTRO DE REFERÊNCIA TÉCNICA EM PSICOLOGIA E POLÍTICAS PÚBLICAS (CREPOP). Referência técnica para atuação do(a) psicólogo(a) no CRAS/SUAS. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2007.

COELHO, E. J. N.; FAGUNDES, T. F. Imagem corporal de mulheres de diferentes classes econômicas. Motriz, Rio Claro, v. 13, n. 2, p. 37–43, 2007.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Código de Ética Profissional dos Psicólogos. Resolução n.º 10/05, 2005.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Resolução n.º 5/2003, de 14 de junho de 2003. Reconhece a Psicologia Social como especialidade em Psicologia para finalidade de concessão e registro do título de Especialista. Brasília, 2003.

DAMASCENO, et al. Tipo físico ideal e satisfação com a imagem corporal de praticantes de caminhada. Revista Brasileira de Medicina do Esporte, vol. 11, n. 3, p. 181–186, mai/jun, 2005.

FIGUEIREDO, I.; NORONHA, R. L. A vulnerabilidade como impeditiva/restritiva do desfrute de direitos. Revista de Direitos e Garantias Fundamentais, v. 4, p. 129–146, 2008.

GUARESCHI, N.; COMUNELLO, N.; NARDINI, M.; HOENISCH, J. C. Problematizando as práticas psicológicas no modo de entender a violência. In: STREY, M. N.; ZAMBUJA, M. P. R.; JAEGER, F. P. (Orgs.). Violência, gênero e políticas públicas. Porto Alegre: EIPUCRS, 2004. p. 177–193.

GUIMARÃES, R. C. S.; SOARES, M. C. da S.; SANTOS, R. C. dos; MOURA, J. P.; FREIRE, T. V. V.; DIAS, M. D. Impacto na autoestima de mulheres em situação de violência doméstica atendidas em Campina Grande, Brasil. *Revista Cuidarte*, v. 9, n. 1, p. 1988–1997, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.15649/cuidarte.v9i1.438>. Acesso em: 10 set. 2025.

MACEDO, J. P.; DIMENSTEIN, M. Expansão e interiorização da Psicologia: reorganização dos saberes e poderes na atualidade. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 31, n. 2, p. 296–313, 2011.

MACEDO, J. P. et al. O psicólogo brasileiro no SUAS: quantos somos e onde estamos? *Psicologia em Estudo*, v. 16, n. 3, p. 479–489, jul. 2011.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE À FOME. Norma Operacional Básica de Recursos Humanos do Sistema Único de Assistência Social (NOB-RH/SUAS). Brasília, 2007.

MONTES D'OCA, K. N.; GRECCO DOS SANTOS, R. R.; GRECCO DOS SANTOS, R. C. A constituição da psicologia social e sua diversidade epistemológica. *Momento – Diálogos em Educação*, [S. l.], v. 25, n. 2, p. 9–18, 2017. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/5854>. Acesso em: 10 set. 2025.

OVIEDO, R. A. M.; CZERESNIA, D. O conceito de vulnerabilidade e seu caráter biossocial. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, v. 19, n. 53, p. 237–250, abr. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/5BDdb5z4hWMNn58drsSzktF/#ModalHowcite>. Acesso em: 10 set. 2025.

PEREIRA, É. F.; TEIXEIRA, C. S.; SANTOS, A. dos. Qualidade de vida: abordagens, conceitos e avaliação. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, v. 26, n. 2, p. 241–250, abr. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbefe/a/4jdhpVLrvjx7hwhshPf8FWPC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 set. 2025.

PINHEIRO, Talita de Albuquerque; PIOVEZAN, Nayane Martoni; BATISTA, Helder Henrique Viana; MUNER, Luana Comito. Relação dos procedimentos estéticos com satisfação da autoimagem corporal e autoestima de mulheres. *Revista Cathedral*, v. 2, n. 1, 11 fev. 2020.

SCOTT, J. B. et al. O conceito de vulnerabilidade social no âmbito da psicologia no Brasil: uma revisão sistemática da literatura. *Psicologia: Revista (Belo Horizonte)*, v. 24, n. 2, p. 600–615, ago. 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682018000200013&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10 set. 2025.

SILVA, A. H.; FOSSÁ, M. I. T. Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. *Qualitas Revista Eletrônica*, v. 16, n. 1, p. 1–14, 2015. Disponível em: <https://revista.uepb.edu.br/index.php/qualitas/article/view/2113>. Acesso em: 9 out. 2025.

SILVA, G. A.; LANGE, E. S. N. Imagem Corporal: A percepção do conceito em indivíduos obesos do sexo feminino. *Psicologia Argumento*, Curitiba, v. 28, n. 60, p. 43–54, 2010.

SILVA, J. V. da; CORGOZINHO, J. P. Atuação do psicólogo, SUAS/CRAS e Psicologia Social Comunitária: possíveis articulações. *Psicologia & Sociedade*, v. 23, n. spe, p. 12–21, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/hfMzSBCwb3sMh5cShTYqLzD/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 set. 2025.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. Métodos de pesquisa. In: GERHARDT, T. E.;

SILVEIRA, D. T. (Org.). Métodos de pesquisa. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

SILVEIRA, L. M.; CÓRDOVA, F. J. A pesquisa qualitativa nas ciências sociais. São Paulo: Editora Acadêmica, 2009.

TRIBESS, S.; VIRTUOSO JÚNIOR, J. S.; PETROSKI, E. L. Fatores Associados à Inatividade Física em Mulheres Idosas em Comunidades de Baixa Renda. Revista de salud pública, Bogotá, v. 11, n. 1, p. 39-49, 2009.

VAN STRALEN, C. J. Psicologia Social: uma especialidade da psicologia? Psicologia & Sociedade, v. 17, n. 1, p. 93-98, jan. 2005.